



ARAÚJO, Rummenigge Medeiros. O corpo, o texto e o espaço: o teatro da Androginia como perspectiva de construção cênica em “Os Exilados”. *Natal: UFRN. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Professor de Teatro. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Doutorando em Literatura Comparada, Alex Beigui de Paiva Cavalcanti. Ator.*

RESUMO

Esse trabalho é fruto de uma análise crítica do processo sobre as tensões entre o corpo, os objetos e o texto na proposta do teatro da androginia no espetáculo “Os Exilados” de James Joyce com direção de Alex Beigui. Em suma, o interesse desse trabalho é discutir a experiência estética de atuação enquanto um processo metodológico de criação no teatro de proposta andrógina. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é fazer um relato analítico, por meio da descrição dos processos desenvolvidos nos ensaios e na composição das cenas e partituras físicas numa perspectiva andrógina de criação cênica.

Palavras-chave: Androginia; espetáculo; processos de criação.

ABSTRACT

This paper is a product of an critique analysis of the process about tensions between body, scenic objects and text on the androgyny's theater proposal on James Joyce's spectacle “The Exiles”, directed by Alex Beigui. Briefly, the interest of this paper is to discuss the esthetic experience of acting as a methodological procedure of creation on theater with androgynous proposal. In this context, the objective of this paper is to make an analytic account, through the description of the developed procedures in rehearsals and in scenes and physical score compositions in an androgynous perspective of stage creation.

Key Words: Androgyny; spectacle; creation process.

O corpo, o texto e o espaço: o teatro da Androginia como perspectiva de construção cênica em “Os Exilados”.

Esse trabalho é fruto de uma análise crítica do processo sobre as tensões entre o corpo, os objetos e o texto na proposta do teatro da androginia no espetáculo “Os Exilados” de James Joyce com direção de Alex Beigui. “Os Exilados”, a única peça de teatro que Joyce escreveu narra a história de um triângulo amoroso entre um artista que luta contra as convenções burguesas, sua mulher de caráter forte e insubmisso e um jornalista de caráter duvidoso. Inicialmente um texto com uma narrativa tradicional de início, meio e fim com todas as sugestões de personagens, lugares e situações indicadas pelo autor.

Dentro de uma perspectiva dramática, e, diga-se de passagem, “tradicional”, a montagem desse texto obedeceria à ordem dos acontecimentos, as situações vivenciadas pelos personagens e se estruturaria em torno da construção e desenvolvimento desse triângulo amoroso tradicional: dois homens que desejam a mesma mulher. Os diálogos de Joyce são bastante claros e diretos e o conflito está todo nas palavras e na boca dos personagens. Como explorar esse texto mantendo esse triângulo e abordando as suas diferentes sutilezas sem seguir a estrutura desenhada pelo autor? Como transformar esse triângulo de tensões e conflitos entre amor, amizade e devoção em corporeidade, imagem e metáfora?

Essas são as problemáticas iniciais apresentadas ao elenco pelo encenador Alex Beigui, para essa montagem. Beigui, com um trabalho significativo no campo da dramaturgia e do ato apropriativo como escrita e método do artista contemporâneo, não aceita que o texto de Joyce seja sacralizado, devendo, porém, ser respeitado e apropriado pelo elenco em questão para depois se tornar desvio, ruptura e metáfora dentro de um espaço minimalista da ação cênica. Para ele, o corpo, texto e espaço devem reverberar e ressignificar não apenas as ideias de um autor, mas também o que foge delas e não se encontra dito em palavras, isso é, as impressões, leituras individuais e potencialidades sugeridas pelos envolvidos no processo (atores e encenador) para os conflitos estabelecidos e propostos dentro da trama. Para ele:

O leitor muda a escala prévia e invade a obra literária com seus fantasmas, que, por sua vez, deparam com fantasmas da escrita, advindos dos fantasmas do escritor; encontro dos mortos, para usar uma noção cara a Heiner Müller [...] Faz-se urgente pensar a escrita como o espaço de cartografia de mapas externos e internos do artista, do leitor e do crítico que cinde, e às vezes derrota o cânone sem o abandonar (BEIGUI, 2011).

Nesse aspecto, o texto de Joyce passaria a funcionar como algo a ser desmontado, redimensionado, deslocado e justaposto pelas vivências dos atores, pelo estudo da biografia do próprio Joyce e pela volatilidade das identidades dos personagens e seus gêneros: masculino e feminino. É nessa perspectiva que Beigui nos apresenta o seu estudo sobre a androginia e a

abordagem dela na preparação do ator e na construção - elaboração dos personagens.

Numa proposta andrógina, os atores evitariam entrar em questões fechadas sobre gênero, mas explorá-los de maneira a manipular as energias feminina e masculina presente em todo o ser: *Anima* e *Animus*. Um jogo intelectual, estado de consciência acerca das polaridades na natureza imperfeita do homem. Nas palavras de Beigui (2007):

Os protagonistas participam de um jogo intelectual, estado de consciência e rarefação acerca da natureza imperfeita do homem. A atrofia da linguagem advinda do elo perdido revela, ainda, a ausência de coerência entre o signo e o interpretante, deflagrando o problema da verdade infundada do Sujeito e de modo ainda mais contundente o problema de sua perenidade teatral-existencial.

Numa análise mais detalhada do texto, os atores encontraram nas personagens Richard, Bertha e Robert essa polaridade de maneira volátil e frequente. Em muitos momentos Bertha passa a ser e a ocupar o *Animus* do triângulo, tendo atitudes incisivas, diretas e condutoras do processo, enquanto Richard e Robert oscilam languidamente dentro dessa polaridade. O próprio triângulo passa a se inverter constantemente: ora o objeto de desejo e conflito se encontra em Bertha, e ora na figura de Richard.

Essas figuras vivem a sombra do que elas foram: no caso de Richard, o escritor famoso, uma espécie de alter-ego de Joyce, sua mulher Bertha, alguém que resistiu a ausência e viveu a sombra do marido, e Robert, por sua vez, o amigo que declarou lealdade a Richard, mas que deseja a sua mulher e desfruta da possibilidade do *status* de confidente das intimidades dos dois envolvidos.

A admiração e o carinho existente entre Richard e Robert criam ao longo da narrativa várias tensões, como se a qualquer momento ambos fossem se fundir a uma só figura: *Anima/Animus* e se tornarem o elo perdido, uma unidade que não se torna completa, já que Bertha polariza no meio de ambos perturbando a ordem e mantendo a incompletude. Os personagens vivem nessa zona de tensão crescente, entre a estagnação de suas relações diárias e a possibilidade de transcender a elas, a partir da vazão e pulsão sexual, contida apenas pelas convenções sociais.

Como transformar essas impressões, leituras e informações em corpo e imagem? Como transformar esse jogo intelectual em imagem dentro de uma cena minimalista?

Os personagens Richard, Bertha e Robert se vestem com figurinos formais nas cores e no mesmo tom de cinza: os homens de colete, calça social e camisa de manga longa de malha, um idêntico ao outro, como se fossem um duplo. Bertha, usa uma saia longa com babados cinzas e translúcidos. Todos eles calçam uma bota vermelha de canos longos. Aqui, a bota funciona como uma espécie de coturno, elemento que representa um símbolo fálico e está constantemente ligado ao vestuário masculino. A delicada malha cinza por baixo dos coletes dos três personagens contrasta e polariza com o vermelho dos rústicos coturnos longos. Uma alusão ao feminino / masculino e à

monotonia dos dias cinzas que se arrastam e o vermelho das pulsões sexuais contidas e escondidas pelos personagens em questão.

A forma de acentuar a tensão vivida por essas personagens foi encontrada na utilização de uma grande e grossa corrente de doze metros de comprimento que delimita todo o espaço. As três personagens estão presas a elas. A personagem Bertha fica ao centro da corrente enquanto as pontas são ocupadas pelos seus dois homens.

Em alguns momentos a corrente se flexibiliza, ora ela tenciona por completo e em outros momentos os personagens a utilizam como uma corda, a ponto de iniciarem um jogo de balançar e pular corda sobre a própria corrente. A corrente acaba se moldando ao corpo dos atores e sendo uma extensão deles mesmos. O elemento da corrente se torna também um quarto personagem a habitar a cena, como uma espécie de observador que narra por meios de imagem e som a relação dos três personagens presos a ela.

Os corpos dos atores ao mesmo tempo em que estão presos à corrente se mostram disponíveis e livres para responder, contornar e dialogar com o elemento. Ao bater no chão do tablado a corrente cria um som metálico abafado e entre uma batida e outra os atores dizem seus textos. Voz falada, modulada e quase sem sentimento algum, como se fossem personagens regidos, como autômatos, enquanto seus corpos são lânguidos, incisivos, precisos, terra e ar, masculino e feminino.

Trabalhar dentro dessa polaridade e nessa perspectiva da androginia, pôr em movimento corpos que dialoguem com os espaços e com os objetos cênicos num jogo intelectual, criando assim uma dramaturgia da imagem que se vale de poucos, mas significativos elementos foi bastante motivador e instigante no sentido de pensar e dar continuidade a um teatro de proposta andrógina, não ligado apenas a questão do gênero, mas indo além dela para articular e organizar um corpo e uma poética cênica.

Referências:

BEIGUI, Alex. *Performances da Escrita*. In **Aletria**. Vol. 21, Nº01, Jan-Abr 2011. P.27-36. Disponível em: <https://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1564>.

Acessado em: 27/08/2012.

_____. *Androginia e indeterminação do sujeito em Samuel Beckett* (2007).

_____. *O ator andrógino*. Ed. 01, ano 03. Revista TFC, 2006.

JOYCE, James. **Os Exilados**. Iluminuras. São Paulo - SP. 2003.

